

## FORMA E MATÉRIA NA SINTAXE ROSIANA

João Batista Santiago Sobrinho\*

### RESUMO:

*Pretendo demonstrar que os conceitos de Gaston Bachelard, forma e matéria contribuem para a compreensão do temperamento literário do Escritor Guimarães Rosa e seus múltiplos narradores.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Gaston Bachelard, João Guimarães Rosa, água.*

Ouvi estas águas  
de repente sempre  
etc.  
João Guimarães Rosa

Aos estudos das imagens da água presentes na obra de João Guimarães Rosa posso encetar alguns fatores cuja relevância científica poderia ser questionada, não fosse o apoio teórico especulativo do filósofo e ensaísta francês Gaston Bachelard. Antes de lê-lo minha intuição hídrica comunicava-me que, para além das searas acadêmicas, as águas de minha aventura pessoal certamente contribuíram para o avistar e, posteriormente, o desvelar das águas rosianas. Achava que tal afirmação caberia mais ao universo poético e menos ao campo epistemológico. Felizmente salvou-me o filósofo. Pude, sem maiores escrúpulos, incorporar meus rios, Rio Grande (o da infância, de águas claras) e o Rio Pomba (o da adolescência e maturidade, de águas escuras), às minhas especulações sobre a *matéria* água, às águas rosianas. Por intermédio do ensaio de Bachelard, *A água e os sonhos*, compreendi melhor a dinâmica das águas:

O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares. Assim se criam em nós os mistérios familiares, que se designam em raros símbolos. Foi perto da água e de suas flores que melhor compreendi ser o devaneio um universo em emanação, um alento odorante que se

\* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), 2003.

evola das coisas pela mediação de um sonhador. Se quero estudar a vida das imagens da água, preciso, portanto, devolver ao rio e as fontes de minha terra seu papel principal (Bachelard, 1998:02).

Creio que desenvolvi, considerando uma longa vivência com a natureza e as águas em minha vida, inconscientemente, uma sensibilidade para a água. Assim, pude, aliado à teoria e à crítica literária, percebê-la e rastreá-la na *forma*, e aprofundá-la como *matéria*, sob a escrita rosiana.

Bachelard, no início de seu livro *A água e os sonhos*, destaca dois tipos de imaginação, uma *formal* e outra *material*. Investiguei na narrativa rosiana, mais especificamente o romance *Grande sertão: veredas*, principalmente, aquilo que está sob as imagens da *forma*, no intuito de desvelar as imagens da *matéria* água. Bachelard desenvolve sua teoria material por intermédio dos pré-socráticos, cujas forças imaginantes vinham sempre temperadas por um dos elementos, terra, água, fogo e ar. Para Tales, o elemento primordial era a água; para Heráclito, o fogo. Segundo Bachelard há obras em que esses dois tipos de imaginação trabalham juntos, e creio ser este o caso da obra rosiana, na qual *forma* e *matéria* convergem, em vários momentos, numa só substância – a água – capaz de ser percebida nos vocábulos e significantes inúmeros que saltam abundantes como peixes na piracema. Veja-se, como exemplo, a expressão "Matéria vertente", forjada pelo narrador protagonista do romance *Grande Sertão: veredas*, Riobaldo, quando este questiona suas incursões nos recantos da memória:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é a vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (Rosa, 1985:93).

Riobaldo deseja lembrar-se, mas o sertão é "vertente", se liquefaz o tempo todo. Muitos lugares que marcaram sua vida, não existem mais, como, por exemplo, a paradisíaca e inesquecível "Guararavacã do Guaicuí", que virou "Caixeirópolis": O senhor tome nota deste nome. Mas, não tem mais, não encontra - de derradeiro, ali se chama é Caixeirópolis (Rosa, 1985:270). O sertão que Riobaldo quer é tempo vertido, águas passadas, memória, já não há, como o rio é sempre outro. (Nunes, 1983). Mais explicitamente, percebe-se a *matéria* e a *forma* tensionadas no nome do próprio romance, que reúne o seco e o úmido, o *sertão* e a *vereda*, a terra

e a água. Mescla que redundará por toda a narrativa de Riobaldo, cujo próprio nome também encarna a *matéria* líquida, "Rio" e "baldo", que se traduz, na fala do sertanejo, por "bardo", poeta, aquele que investiga, que tem no tempo, sua matéria. Ainda com referência ao sertão, ele nos remete, sobremaneira, ao deserto, à areia, e às veredas, às águas. A areia que, em análise simbólica mais profunda, confunde-se com a água. Guimarães Rosa, nas cartas que escreve ao seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, afirma que as veredas são, além de caminho, nódulos hídricos do sertão. E, tirante o São Francisco, confirma Riobaldo, "o resto pequeno é vereda" (Rosa, 1985:68).

Especulando sobre a *forma* e a *matéria* da narrativa rosiana, a crítica literária, ao debruçar-se sobre o texto rosiano, se expressa por qualificadores líquidos. Talvez porque a água "proporciona um tipo de sintaxe" (Bachelard, 1998:13). Para referir-se à natureza peculiar da sintaxe rosiana, a crítica literária lança mão de expressões como jorro, fluxo ou "fronteiras movediças" (Finazzi-Agro, 2001:27); "uma textura, que [...] flui ao correr da leitura" (Vargas, 1957:19); um "estilo que dissolve a acepção clássica em que o estilo inventa o texto?" (Hansen, 2000:23); "universo fluido de sentidos figurados" (Rosenfield, [s.d]:28); ou ainda, a "estrutura meândrica da narrativa" (Nunes, 1983:18), que proliferam sempre que se tenta dar conta da linguagem desse escritor. Para Scarpelli, Guimarães Rosa situa-se "entre duas águas. Desdobra-se entre o público e o privado, entre o mundo e o sertão" (Scarpelli, 2000:102). Portanto, são vários os fatores que corroboram minha afirmação de que Guimarães Rosa encontrou uma maneira de tensionar *forma* e *matéria* em sua arte de narrar. Em carta ao amigo João Condé, a água, como metáfora, sobressai-se quando Guimarães Rosa refere-se à gestação do livro *Sagarana*:

Assim, pois, em 1937 - quando chegou a hora de "Sagarana" ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance de minhas mãos, e eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha *concepção-do-mundo* (Rosa, V.G., 1999:377).

Mais abaixo, na mesma carta, Guimarães Rosa utiliza-se de uma frase de André Maurois, metaforizando uma escrita sem limitações, sem imposições de estilos, e usa de outra imagem de água, "um rio sem margens é o ideal do peixe" (Rosa, V.G. 1999:377). Tempos depois, em entrevista concedida a Günter Lorenz, Guimarães Rosa

compara os rios às almas dos homens: "os rios são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como os sofrimentos dos homens" (Rosa, 1994:37). Desde o início, a presença do rio, como a da água, freqüenta o imaginário do autor.

Na narrativa rosiana, o aforismo de Heráclito, "não entramos duas vezes no mesmo rio", surge todo o tempo com um vigor extraordinário. Riobaldo irá reformulá-lo em alguns momentos, como, por exemplo, em: "Cheguei a encarar a água, o Rio das Velhas passando seu muito, um rio é sempre sem antiguidade" (Rosa, 1985:136). É sempre velho e novo, porque são sempre outras suas águas.

Na busca da *matéria* do sertão, adentrei aos rios rosianos para dinamizar as águas, referência mais profunda, chegando, finalmente, à *matéria* água. As presenças dos rios, riachinhos, poços, lagoas, veredas, orvalhos, assim como cavalos, vacas, bois, touros, luas, sapos, na obra rosiana, passam a comportar um oceano simbólico, em que a imagem da água, como *matéria*, supera substancialmente os aspectos toponímicos. No sentido de dinamizar ainda mais o complexo hídrico rosiano, o qual dá-nos mais subsídio para corroborar o conceito de *matéria*, um outro conceito de Bachelard torna-se imprescindível, o de "ressoadores". Através dos "ressoadores", a água, como matéria do sertão, fica devidamente dinamizada, cheia "de ecos" (Bachelard, 2001:5). Portanto, os ressoadores funcionam como ecos da *matéria* água, dando maior densidade e dinamicidade à mesma. Comportam esses ecos das águas imagens recorrentes na obra rosiana: da lua, do sapo, da vaca, do touro, do cavalo (Durand, 2001). A simbologia que os envolve, por suas relações com a água, ressoa e aflui harmonicamente para o "mar de territórios", metáfora usada por Riobaldo para referir-se ao sertão, e contribui para uma espécie de cosmogonia hídrica do sertão, como convergência, em última instância, de *forma* e *matéria*, no universo da obra rosiana.

ABSTRACT:

*I intend to demonstrate that Gaston Bachelard's concepts of shape and matter help us to understand the literary temperament of the writer Guimarães Rosa and his multiple narrators.*

KEY WORDS: *Gaston Bachelard, João Guimarães Rosa, water.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FINAZZI-AGRO, Ettore. *Um lugar do tamanho do mundo*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- HANSEN, João Adolfo. *O O: a ficção da literatura em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.
- NUNES, Benedito. "A matéria vertente". In: Seminário de Ficção Mineira: de Guimarães Rosa aos nossos dias, 2, 1982, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerias, 1983.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ROSENFELD, Kathrin, H. *Os descaminhos do demo*. São Paulo: Imago, 1993.
- SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. *As imagens de água no romance Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Fale/ UFMG, 2003. (Dissertação de Mestrado).
- SCARPELLI, Marli de Oliveira Fantini. *Fronteiras do falso: a poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2000. (Tese de Doutorado).
- VARGAS, Milton. Visão e descrição. *Diálogo revista de cultura*, 8. São Paulo: Sociedade Cultural Nova Crítica, 1957.